



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MULHERES DE NEVE: A MULHER NA ANTIGA ESCANDINÁVIA

Ítalo Pereira de Sousa, Itamara Weskla Barbosa Alves de Brito; Arthur Manoel Andrade
Barbosa; Paula Almeida de Castro

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

INTRODUÇÃO: O cereal, o machado e o sagrado – o meio justifica o fim

A historiografia atual nos permite encontrar lacunas para tecer nossa narrativa acerca da importância dos múltiplos papéis sociais e as mais variadas facetas dos mesmos, para a composição da narrativa histórica. Sendo assim, “a História vista de baixo”, defendida por grandes pensadores, como *Thompson*,¹ *Burke*² e a Escola dos *Annales*³, permite dar vez e voz àqueles, até então, calados pela injustiça das antigas correntes historiográficas. Mas a quem entregamos a leitura de tais vozes? E quais foram as palavras e os murmúrios que ganharam narrativas? E, ainda, como se firmou a sociedade embasada nas antigas teorias?

Com a evolução da história social, nos é possível enxergar além das hierarquias sociais. A mulher e sua posição torna-se alvo para novas reconstruções: e não poderia ser diferente com aquelas que mais foram vítimas ao longo da História. Torna-se de suma importância o estudo delas, uma vez que, por exemplo, na sociedade escandinava as mulheres eram bastante diferentes das demais da Europa Ocidental. E é acerca das diferenças de comportamento em um mesmo continente, que tecemos o presente artigo.

O século VIII, para a historiografia, corresponde a um dos séculos englobados pela Era Medieval europeia. Uma Europa longe da que conhecemos hoje: defendia-se o cristianismo às duras tapas. A Igreja Romana dominava boa parte do território europeu e organizava Cruzadas à Terra Santa, sagrando e coroando reis.

¹ Edward Palmer Thompson (1924-1993) foi um dos mais importantes historiadores britânicos. Defensor da concepção teórica marxista e é considerado por muitos como o maior historiador inglês do século XX.

² Renomado historiador inglês, Peter Burke é autor de grandes obras de suma importância para construção da historiografia moderna.

³ Consiste em um movimento historiográfico acadêmico francês, que ganhou destaque por incorporar Ciências Sociais à História.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Segundo os ensinamentos do cristianismo, muito forte nessa época, as mulheres deveriam ser completamente submissas aos maridos, aos homens. E se viajássemos um pouco mais ao norte; num local onde nenhum jesuíta pisou; um local onde Jesus Cristo sequer pisou e seria totalmente inexistente? Pagãos, foi assim então denominado pelos cristões, aquele povo que sequer conhecia o deus crucificado. E é nesse contexto que ganha destaque a posição do papel feminino numa cultura que a livra de dogmas da religião cristã e dotada do pragmatismo da antiga religião escandinava.

Segundo algumas obras literárias acerca de tal sociedade (serão citadas ao longo do texto), traçaremos os seguintes tópicos em três momentos que darão conta do contexto social, militar, cultural e religioso, enfatizando, ainda, a importância da mulher em cada um deles.

Do contexto social

Com uma divisão social baseada na melhor capacidade de liderança, onde “vence o mais forte”, o poder era retido por aquele que dominasse a influência em todos, pois, caso a população se mostrasse infeliz, poderia simplesmente invocar uma votação pública para retirar aquele líder. Vale ressaltar que aquele que tomasse o lugar de *Jarl* deveria ser igualmente ou superior em todas as habilidades do antigo líder.

Quando o *Jarl* saía em expedição, sua mulher mantinha pendurado no pescoço uma espécie de chave, que seria um símbolo, indicando que ela estava na liderança na ausência do seu marido. Cabia a ela a mesma responsabilidade do seu cônjuge: fazer as festas para o povo, mandar na extração dos grãos, vigiar o vilarejo e em caso de invasão, seria comandante do exército de defesa. Nota-se que o líder e sua esposa tinham mais parceria do que os casais da Europa Medieval, já que a principal função da mulher no casamento estava ligada a reprodução e legitimação de filhos.

O casamento nessa sociedade seria monogâmico e os homens dedicavam o mais infundo respeito por suas esposas. Acredita-se que seria a única sociedade na qual a mulher



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

tinha o direito de divórcio caso o marido se mostrasse incapaz, seja de ter filhos ou trabalhar, e a guarda dos filhos, no caso do divórcio, ficaria incontestavelmente com a mãe.

É possível perceber por meio de relatos históricos, vestígios e literaturas locais que os povos daquela época tinham uma dieta baseado em cereais e em peixes. As atividades da manutenção desses grãos cabiam tanto as mulheres quanto aos homens, não havendo distinção. Uma boa fazendeira, uma boa mãe, uma boa guerreira, esse seria o perfil da mulher escandinava e o seu meio cultural justificava a finalidade de suas funções na manutenção da sociedade: crucial.

Nota-se que esse perfil feminino, comparado ao masculino, não se encontra diferenças tão gritantes na conjuntura social. Seria, talvez, essa sociedade, onde a posição da mulher mais se igualasse a do homem, posto que, não se argumentava conceitos como *feminismo x machismo*.

Do contexto militar

As guerras do século VIII eram travadas principalmente com escudos e machados, sendo que este último tinha uma curvatura que facilitava o desarmamento do escudo inimigo. A vestimenta usada, quando muito sofisticada, resumia-se a um gibão de couro e raramente a cota de malha, diferente dos famosos cavaleiros da Idade Média e suas famosas armaduras de placas.

Famosos por sua formação de combate, chamada “parede de escudos”, consistiam em homens lado-a-lado, escudo-com-escudo e ombro-a-ombro, formando uma impenetrável parede humana de escudos. Em meio a essas paredes, por muitas vezes na linha da frente, encontrava-se as *Skjaldmö*⁴, que seriam as mulheres guerreiras, com suas vitórias e glórias tão reconhecidas quanto às dos homens. Teriam elas, o mesmo direito ao *Valhala*⁵.

⁴ Também chamadas *shieldmaiden*, algo como, “dama de escudo”, numa tradução aproximada.

⁵ Conhecido como o céu dos guerreiros; o grande palácio de *Odin*, o líder dos deuses nórdicos. Para ter direito ao *Valhala*, o indivíduo teria que morrer com honra, em batalha, empunhando sua arma. Neste lugar, os guerreiros teriam direito a um banquete com os deuses e travar batalhas com seus irmãos de escudo pelo resto da eternidade, considerando um ato honroso, almejado por todos os guerreiros.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É impossível falar das mulheres guerreiras sem citar *Lagertha*, esposa de *Ragnarr Loðbrók*, famoso líder que veio a tornar-se rei e pioneiro nas navegações e invasões da então conhecida Inglaterra. Relatos e vestígios historiográficos, também algumas literaturas, afirmam que por muitas vezes, a mesma acompanhou o marido em suas batalhas.

Um acessório muito usado pelos guerreiros, cedido pelo líder quando este queria elogiar o guerreiro, era o chamado bracelete de guerreiro. Acredita-se que muitas dessas mulheres guerreiras utilizavam alguns desses braceletes. A pilhagem de corpos era muito comum após o combate e por muitas vezes os braceletes eram retirados dos cadáveres.

Do contexto cultural e religioso

Os denominados pagãos tinham uma crença politeísta, sem contato algum com o cristianismo. Com um panteão equivalente ao da antiga religião grega, a religião escandinava do século VIII, contava com vários deuses, entre eles, *Thor*, *Odin*, *Balder* e *Loki*, por exemplo, onde cada um representava algo da natureza. Verdadeiros sacrifícios de sangue de animais eram feitos a esses deuses, com o objetivo de adquirir a benção dos mesmos: seja na guerra, na colheita e na prosperidade do vilarejo.

Para entender melhor esse fantástico mundo dos deuses nórdicos, é de crucial importância explicar como se acreditava que era o mundo segundo essa crença. Acreditava-se que existia uma grande árvore chamada *Yggrasil*, e em cada galho dessa árvore encontrava-se um dos mundos. Sendo eles: *Midgard*, reino dos humanos; *Asgard*, reino dos deuses *Æsir*; *Jotunheim*, o reino dos gigantes; *Vanaheim*, o reino dos deuses Vanir⁶; *Svartalfheim*, o mundo dos anões ou elfos⁷ escuros; *Ljusalheim*, o mundo dos elfos claros; *Niflheim*, o mundo de gelo eterno; e *Muspelheim*, o mundo de fogo.

Sobre o *Valhala*, é de suma importância citar aquelas que forneciam a passagem ao palácio, as famosas *Valquírias*, que seriam virgens guerreiras que cavalgavam corcéis com

⁶ É um dos dois tipos de deuses existente nesta religião. O segundo é chamado *Æsir*.

⁷ Criaturas mágicas, dessa mitologia, com traços físicos humanos. Em Nórdico Antigo eles são chamados *álfar*.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

elmos e lanças em nome de Odin. Cabiam às *Valquírias* a tarefa de colher aqueles guerreiros considerados dignos de entrar no céu dos guerreiros.

Figuras femininas eram comuns no panteão nórdico. Tal como *Freyya*, que seria a deusa da fertilidade e *Hela*, conhecida por ser a responsável pelo *Helheim*⁸, não esquecendo também de nomes como: *Iðunn*, *Nanna*, *Frigga*, *Sif*, entre muitas outras. As mesmas também eram de crucial importância e dotadas de poderes e responsabilidades que não diferenciava das dos deuses do sexo masculino. Deusas guerreiras, em geral, e mães ou esposas de deuses de grande importância (*Frigga*, esposa de *Odin*, por exemplo).

METODOLOGIA: Um *drakkar*⁹ carregado de inspirações

A abordagem metodológica pauta-se no referencial bibliográfico literário acerca da discussão, pautado em um vasto desenvolvimento nos campos da literatura e no cinema, com ênfase na *cultura pop*. Um tema bastante atraente para os produtores atuais, os *vikings* vem fazendo sucesso em diversas áreas, como romances, HQs, séries produzidas para a televisão e filmes. Ao trazer a cultura desse povo para o público, enfatiza-se detalhes como a importância do papel da mulher naquela época.

Produções literárias

No campo da literatura, podemos citar o autor inglês contemporâneo Bernard Cornwell¹⁰. Apaixonado pela história de sua pátria, a Inglaterra, o autor faz recortes da Idade Média à Idade Contemporânea. Em uma de suas séries de livros, o autor irá tratar do assunto que está em pauta: os antigos escandinavos, com ênfase para os dinamarqueses.

Um dos fatos importantes das obras de Cornwell, é que sempre haverá uma figura feminina que influenciará o protagonista. O autor traz mulheres de personalidade forte que varia seus ofícios. Em alguns volumes de seus livros, ele traz uma mulher com uma

⁸ Conhecido como reino dos mortos. Para onde iam aqueles que morriam de velhice ou de doença. Nas profundezas de *Niffleheim*, o reino de gelo eterno.

⁹ Embarcação utilizado por esses povos, semelhante ao porte de um navio de médio porte, movido à remo e vela, geralmente com uma cabeça de dragão esculpida à frente, no objetivo de espantar monstros marítimos.

¹⁰ Consagrado autor britânico, publicou mais de 40 livros e teve suas obras traduzidas para mais de 16 idiomas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

personalidade mais materna, em outros uma mulher mais guerreira, e ainda uma mulher mais religiosa: mas sempre haverá uma figura feminina em destaque em suas obras.

Sobre uma das importantes figuras femininas em sua obra, o autor traz as fiandeiras da vida que em um misto de equilíbrio entre vida e dor, mantém a *Yggdrasil* de pé. Nota-se que é vital a importância dessas mulheres para a manutenção da vida e do equilíbrio de todos os mundos, quando Cornwell fala, no 7º volume das “Crônicas Saxônicas:

“Assim, Urðr, Verðandi e Skuld decidiriam nosso destino. Elas não são mulheres gentis, na verdade são bruxas monstruosas e malévolas, e a tesoura de Skuld é afiada. Quando aquelas lâminas cortam, causam lágrimas que enchem o poço de Urðr, ao lado da árvore do mundo, e o poço dá a água que mantém a Yggdrasil viva. Se a Yggdrasil morrer, o mundo morre, assim o poço deve ser mantido cheio, e para isso são necessárias lágrimas. Choramos para que o mundo viva” (CORNWELL, 1991, p.305).

Ainda na parte literária, outro nome bastante renomado, recebeu influência diretamente dessa cultura, J. R. R. Tolkien¹¹. Dentre as suas obras, umas das principais personagens foi inspirada na mulher escandinava guerreira (*shieldmaiden*), a *Éowyn*.

Também na área da literatura, temos a história em quadrinhos (vulgo, HQ) do deus da mitologia nórdica, “O poderoso *Thor*”, do autor Stan Lee¹². Nesse HQ, é possível notar a importância da personagem *Lady Sif* que é uma das principais guerreiras que luta ao lado de Thor. Essa literatura pode facilitar um pouco (apesar das adaptações) o entendimento do panteão, as personalidades e as posições de cada deus nórdico. Entretanto cabe adicionar que o leitor não deve levar em consideração tudo que vê nesta obra em quadros, pois há muitas diferenças da verdadeira mitologia nórdica.

Não podendo deixar de ser discutido, “*Hagar, o Horrível*” (“*Hagar, o Terrível*” em Portugal) do autor Dik Browne¹³. Em suas tirinhas de humor, Browne nos traz a figura do *Hagar*, um forte *viking* guerreiro, destemido e respeitado, mas que apresenta um grande temor a sua mulher, *Helga*. A importância desse quadrinho na discussão está exatamente neste fato:

¹¹ Escritor de literatura fantástica e autor de famosas obras como “Senhor dos anéis” e “O Hobbit”, entre outros contos que se passam na “Terra Média”.

¹² Escritor, editor e empresário norte-americano. Criador do universo Marvel Comics.

¹³ Richard Arthur Allan Browne foi um cartunista estado-unidense de grande renome no século XX.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nas linhas de humor o autor nos traz uma mulher de personalidade forte, onde a sua palavra é a última dita no relacionamento.

Produções cinematográficas

Entre séries de TV e filmes a temática em pauta se torna bastante influente. Principalmente nesta década onde o universo cinematográfico está em alta, grandes produções sobre a cultura nórdica estão surgindo e ganhando novos admiradores: até quem não é admirador da História, têm nesses filmes atração e os assistem por simples lazer.

Uma série de TV, de bastante sucesso, que está no ar atualmente que circunda o assunto em questão, é *Vikings*¹⁴. Ela trata com bastante fidelidade a trajetória do escandinavo *Ragnarr Loðbrók*, desde sua vida como fazendeiro até se tornar o rei que desbravou os mares do norte. A série traz como principal personagem feminina a *shieldmaiden, Lagertha*, a qual é representada como uma personagem bastante forte e de grande influência. A série nos traz, também, de como estava situada a mulher nessa sociedade, seja dona de casa, seja, guerreira, e até no posto da liderança. Produzida por uma emissora de credibilidade, a série se torna uma ótima fonte historiográfica.

Partindo para a área dos longas-metragens, encontramos mais uma vez, a obra do Stan Lee, “*Thor*” (2011), que assim como na HQ há adaptações que não devem ser consideradas pelo telespectador (em suma de cunho fantasioso). Ainda sobre a temática *viking*, temos filmes atuais como “*Northmen - A Viking Saga*” (2014) e “*A Viking Saga: The Darkest Day*” (2013). Não deixando escapar de pauta os filmes mais antigos acerca do assunto, mas deixemos em alta os mais recentes.

Deve se ter em mente que esses filmes devem ser assistidos com certo censo crítico, pois uma vez assistindo por um leigo, o mesmo irá se encantar com as produções cinematográficas, que tem exatamente esse objetivo.

¹⁴ Série produzida pelo History Channel.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

RESULTADOS E DISCUSSÕES: Nem de neve, nem fogo: damas de ferro

Na conjuntura das novas abordagens historiográficas, o papel social da mulher vem ganhando destaque a cada dia. Ao longo do tempo, as mesmas puderam ter seu lugar na pauta das discussões sobre a construção da História: suas vozes (enfim) tiveram vez na historiografia.

Sendo assim, foi possível verificar que a mulher considerada frágil, cheia de pudores, sensível e, muitas vezes vítima frágil, fora construída entre as raízes religiosas que sustentam a maioria dos países ocidentais. Do contrário, a mulher guerreira, sem espaço para fragilidades em excesso e que muitas vezes precisava ser “mãe felina”, sem deixar de lado sua natureza maternal, tanto discutida e demonstrada no texto, seria tratada com mais naturalidade, uma vez que, na sociedade atual, a que mulher assume tal papel, de “mulher guerreira”, é taxada de vários conceitos, já que tudo isso é mais associado ao papel masculino e patriarcal.

Com a sociedade do século XXI, que está criando novos conceitos e vencendo preconceitos, a ajuda dessas novas linguagens, citada anteriormente, possui relevância na defesa do papel social da mulher, que hoje em dia, mais do que antes na História, necessita se afirmar como uma verdadeira *shieldmaiden*.

CONCLUSÃO: Espólios de guerra em forma de conhecimento

Ao longo da discussão sobre a temática *viking* e povos escandinavos em geral, percebemos a relevância sobre o entendimento das tessituras que se formaram com a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

construção social, cultural e religiosa desses povos e principalmente, da posição da mulher diante os mesmos.

A questão de gênero envolvendo o papel da mulher é um assunto recorrente na pauta de inúmeras discussões e o que se sabe é pouco diante da vastidão de heranças incorporadas às outras culturas. Entre essas, a mais importante deixada de legado pela cultura anteriormente discutida, acredita-se, que seria o respeito imprescindível pela mulher nas mais variadas colocações sociais que a mesma estivesse.

Defendemos, entretanto, a oportunidade de que esta temática permaneça sendo ensinada e como pauta permanente de discussão nas políticas públicas de gênero, para que seja demonstrado e questionado de que modo podemos rever o poder do homem nas sociedades, pois mesmo sendo eles uma sociedade patriarcal, os homens escandinavos aprenderam a ouvir, respeitar e valorizar a força e sabedoria de suas mulheres e desenvolveram formas diferenciadas no papel que cumpriam.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Rubim; FRANCO, Denize; LOPES, Oscar. **História das Sociedades: Das comunidades primitivas às sociedades medievais.** Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1980.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia: História de Deuses e Heróis.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BURKE, Peter. **A escola dos annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia.**

CORNWELL, Bernard. **Crônicas Saxônicas.** Vol. 1-7. Rio de Janeiro: Record, 2009-2014. São Paulo: UNESCO, 1991.